

A(TRO)PELOS DA FALA: FRONTEIRAS ENTRE ERRO E ATO FALHO

Eduardo CALIL¹ (UFAL)
Cristina FELIPETO² (UNCISAL)
Hozanete LIMA³ (UFRN)

Antes mesmo de pensar nisso [em abrir a boca],
o locutor dispõe dos três termos, “eu”, “tu”, “ele”,
que conformam instantaneamente o seu espaço simbólico, pessoal e social.
Todas as conversações mantidas pelos homens desde a noite dos tempos
se desenvolvem em um espaço mesmo, sustentado pelos três termos
que existem em todas as línguas, sob uma forma ou outra.
Esses termos são anteriores a toda demonstração.
Não obedecem à condição de verdade. Ninguém jamais precisara se justificar quanto a seu uso:
eles são nosso bem inalienável, nosso bem comum, nossa única verdadeira democracia.
Eles estão aí, em nosso uso mais incontido da linguagem.
Este dado, ao mesmo tempo trivial e fundamental,
determina a condição do homem na língua e tudo o que se pode dizer sobre isto.
(Dany-Robert Dufour. Os Mistérios da Trindade)

RESUMO: Partindo do pressuposto de que a língua, enquanto estrutura, é um meio singular de produzir equívocos, buscaremos analisar e comparar dois dados de fala. O primeiro, caracterizado pelo “erro” e sua “escuta”, produzido por uma criança de 8 anos em contexto familiar e o segundo indicando um ato falho produzido por um adulto durante conversa informal com amigos. Através desses enunciados procuraremos desvelar modos particulares de produção de equívocos: de um lado sua relação com a historicidade do sujeito que é dita de modo latente; de outro, uma historicidade que vai sendo revelada e se revelando pelos elementos significantes de uma cadeia lingüística.

ABSTRACT: Starting from the presupposition that the language, while structure, is a unique way to produce equivocal, 2 data of speech will be analysed. The first one, characterized by the 'equivocal' and its 'listening', produced by a 8 year old child in a familiar context and the second one indicating a fault act produced by an adult during an informal conversation with friends. Through these statements, particular ways of producing mistakes will be analysed: from one side the historicity that is being revealed and revealing itself through significant elements of a linguistic chain.

1. Introdução

Uma interpretação do título deste artigo pode supor uma certa pretensão em querer delimitar os limites entre lingüística e psicanálise através dos tropeços que emergem na fala de um sujeito. Entretanto, nosso objetivo é bem mais humilde. Não pretendemos mais que refletir sobre alguns pontos de aproximação entre estes campos de saber, considerando a noção de “erro”, discutida em nossos trabalhos (CALIL, 2004, FELIPETO & CALIL, 2006, CALIL & LIMA, 2006) e em outros estudos da aquisição de linguagem filiados à reflexão de Lemos (1998, 2000) e a noção de “ato falho” conforme Freud (1987) e Lacan (1998).

A presença da psicanálise nos trabalhos de Lemos é notável e altamente produtiva. A partir da releitura feita por Lacan da obra de Freud, do algoritmo do signo lingüístico (SAUSSURE, 1989) e dos eixos metafóricos e metonímicos de Jakobson (1975), ela irá afirmar que “a aquisição de linguagem é um processo de subjetivação definível pelas mudanças de posição da criança em uma estrutura onde a língua, a fala do outro em sua total compreensão são inextricavelmente relacionadas com um ‘corps pulsionel’, isto é, com a criança enquanto um corpo cuja atividade demanda interpretação.” (LEMOS: 2000) (grifo nosso).

¹ eduardocalil@hotmail.com

² cristinafelipeto@hotmail.com

³ hozanetelima@bol.com.br

Disso advém uma “desempirização” do outro entendido agora como uma instância representativa do funcionamento lingüístico-discursivo e da tomada da fala da criança não como produto de uma relação de conhecimento dividido em estágios e níveis de desenvolvimento, mas como efeito de seu submetimento a esse funcionamento.

Do lugar de aquisicionista afetado pelo compromisso ético com a fala da criança (M. T. LEMOS, 2002), de tomar o sujeito a partir de sua inscrição subjetiva na língua e do seu enlace com os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário, colocamos esta interface como questão e, ao mesmo tempo, como limite para a interpretação dos fatos de fala. Além desse compromisso inescapável, sustentamos nossa posição pela defesa de um ponto de contato entre, como diz Lemos (1996: p. 241), aquilo que “acontece no chiste, no lapso, na fala da criança, na poesia, e na experiência analítica”.

2. A língua dentada

Como sabemos desde Saussure, o valor do signo lingüístico está relacionado aos eixos sintagmático e paradigmático. A partir deste ponto teórico, Jakobson (1975) relê esta articulação como “processos” metonímico e metafórico, respectivamente, que constituem as leis internas de todo e qualquer ato de enunciação.

É Lacan (1998) que, ao considerar os conceitos de “deslocamento” e “condensação” advindos da teoria freudiana, fortalecerá estas “leis” através da lógica do significante e acrescentará em seu funcionamento a noção de falta constitutiva. Isto é, a língua, enquanto estrutura, possui um ponto de falta irremediável, o que a torna um meio singular de produzir equívocos, pois “sempre um de seus elementos é de tal ordem que ele não pode ser colocado sem revelar-se incomensurável a todos os outros” (MILNER, 1987: p. 12). A incomensurabilidade de um elemento e sua colocação na língua permite a Milner atribuir-lhe um aspecto “dentado”⁴ (MILNER, 1989: p. 390). Com a ênfase deste aspecto, queremos marcar tanto seu lado substantivo, quanto adjetivo. Em outras palavras, a “língua é uma dentada” porque marca, inscreve, corta, fere... e, ao mesmo tempo, a “língua é dentada”, pois, ao se atualizar na fala, carrega seu caráter “repentino, desagradável, corrosivo, destrutivo e satírico”.

É nesse ponto de falta, lido como a língua⁵ por Lacan, e definido por Milner como “aquilo pelo qual, de um único e mesmo movimento, existe língua (ou seres qualificáveis de falantes, o que dá no mesmo) e existe inconsciente” (1987: p. 18) que podemos encontrar nossa justificativa para o contorno dessa fronteira.

O *infans* é tomado por essa engrenagem para ser falante, saindo “da posição de interpretado pela fala do outro, atuante em sua própria fala, para uma posição em que é a língua, enquanto Outro, que a desloca e ressignifica” (LEMOS, 1995: p. 27). Se para a aquisição de linguagem o Outro, que também pode ser entendido como o 3º da relação “eu, tu, ele”, está no funcionamento lingüístico-discursivo; para a psicanálise, o Outro está no “inconsciente estruturado como linguagem” (LACAN, 1998).

Aqui talvez resida a diferença e o limite entre o “erro” para a aquisição de linguagem e o “ato falho” para a psicanálise. É o que pretendemos indicar através da análise de duas conversas estabelecidas em situações cotidianas, quase corriqueiras.

3. Erro em pares

O dado seguinte parece não se tratar de um ato falho. Por outro lado, como considera-lo “erro”? O que há em seu funcionamento que poderia diferenciá-lo daquele e lhe dar estatuto desse?

Uma análise apurada pode, senão delimitar, de modo categórico, as diferenças ou estabelecer as semelhanças, reconhecer que, de um único e mesmo movimento, uma diferença, ou uma certa “fronteiridade”, parece mobilizar seus acontecimentos. Descrevendo nosso primeiro dado, temos:

Fragmento 1

Lívia, menina de 8 anos e 9 meses, aproxima-se da mesa de jantar em que estavam o pai e Cristina (esposa do pai). Com seus bonequinhos feitos de massinha de modelar, com que o pai lhe presenteou ao voltar de Paris, estabelece-se o diálogo:

⁴ Milner usa a palavra “dentelê”. Optamos por traduzir por “dentado” (HOUAISS, 2001) cujos significados serão apontados a seguir.

⁵ Lacan (1985:180) forja o termo “alíngua” (*lalangue*) para nomear o não-todo, o que resiste a ser apreendido em uma totalidade e afirma que “o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa de muito o que podemos dar conta a título de linguagem (...) uma linguagem sempre hipotética com relação ao que a sustenta, isto é, alíngua. Teresa Lemos (2002-39) aponta, na alíngua, “a amarração fundamental entre desejo e língua, sujeito e significante”.

Lívia: (falando sobre os bonequinhos que fez em números pares.) - *eu fiz em pares, mas um lá é meu, então vai ficar impáres.* (pai e cristina riem.)

Cristina: (rindo e corrigindo.) - o certo é falar ímpares...

Lívia: (repetindo.) - ímpares... Impáris... Im... Paris... Em paris... (dando muita risada.) Para paris!!! (todos riem muito.).

Nesse espaço discursivo, não podemos negligenciar seja o riso, seja a menção de Cristina, já que eles parecem metaforizar o que de “estranho” ou “errado” sai da boca de Lívia. O reconhecimento do “erro” é explicitado na menção de Cristina, “o certo é falar “ímpares”, que, na posição de interpretante ou de quem reconhece o “erro”, coloca Lívia na posição de que possa ressignificar o que havia dito, sendo exatamente aí que a materialidade dentada da língua opera; uma materialidade que têm em seu funcionamento as relações metafóricas e metonímicas e somente metafóricas e metonímicas (MILNER, 2002).

Ao dizer “*Eu fiz em pares, mas um lá é meu, então vai ficar impáres*”, Lívia parece querer dizer que formou “uma dupla”, que fez “em dois”, “de dois em dois”, por assim dizer, “um par”. Parece não fazer referências diretas ao número 2 que, no discurso matemático, é conceituado como número par, a exemplo dos números 4, 6, 8 etc. Por conseguinte, ao tirar “um”, como se lê em “mas um lá é meu”, o par se desfaz. Há sutilezas nesse movimento, bem como em nossa leitura, mormente porque há uma intimidade etimológica entre as palavras “par” e “ímpar”, seja na relação com os números em si, seja na sua relação de antonímia, essa que parece estar fortemente presente na menção de Cristina. De modo ímpar, Lívia se joga nas possibilidades homofônicas dos significantes, como não querendo reconhecer que “errou”, e, colocando-se na posição de interpretante de si mesma, ressignifica seu dizer por outros caminhos, fazendo surgir um terceiro (“para Paris”) que nem é um (impáres), nem outro (ímpares), e parece vir de Outro lugar, ultrapassando-os (LEMOS, 1998).

Notemos que o elemento silenciosamente culpado de tudo parece ser, “em pares”, já que Lívia poderia ter dito “em dupla”, ou “fiz dois”, dentre outros. Parece estar partindo dele aquele chamariz sempre “pronto a reaparecer” em qualquer ponto da mensagem, decifrando antecipadamente o que estaria por vir de modo cifrado (LACAN, 1999: p. 97). É mister, nesse caso, anteciparmos o fato de que a massinha de modelar foi um presente trazido da França pelo pai de Lívia, que de lá havia voltado recentemente. Como a palavra “Paris” circulava de modo constante nas corriqueiras conversas, fazer “em pares” e em “impáres” parece ser, para o inconsciente, mais apropriado do que fazer “de dois em dois” ou “uma dupla”, “ou dois”.

Acompanhando o quadro acima, vemos a grafia disto tudo. A chegada “Para Paris” se faz através da conexão “significante a significante”, por assim dizer, numa cadeia em que o todo vale pelas partes e as partes pelo todo (SAUSSURE, 1989). Na fala de Lívia, esse encadeamento de entidades sucessivas é metáfora do movimento metonímico, sendo exatamente aqui que o homem encontra o poder de esquivar-se dos obstáculos da censura social, onde o desejo aí investe e encontra seu ponto de expansão. A censura de Cristina impele com força Lívia ao deslize, à deriva, à “perdição” do sentido, da identidade e da positividade requerida, teimando em não se significar. A metonímia é um “meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura” (LACAN, 1996: p. 515), ela “inverte os valores, transveste o sentido, torna obscuro, no nível manifesto, o que era significante no nível latente” (CHEMAMA, 1995: p. 224).

A mudança de tonicidade que ganha corpo nos significantes “Ímpares... impáris... im... paris... em Paris...” é um traço importante para acompanhar como, nas repetidas ressignificações, ela oscila, acampa em lugares diferenciados, no meio dos significantes (“impáris”), no início (“ímparis”) e no fim (“em Paris”), bem como as relações existentes entre “ím/im” e “em/para” (Paris).

Não se pode olvidar o fato de que nessa conexão “Paris” não está aí apenas pela dimensão metonímica subjacente àquele jogo, mas pelo fato de que sua corporeidade lingüística é desenhada por um traço homonímico que também se encontra alhures. Esses lugares podem ser escutados ou não, pois se a homonímia dos nomes é constante (MILNER, 1983), é também do fato de que há uma subjetividade em jogo para que essa escuta possa acontecer. A partir disto, podemos dizer que Sujeitos e significantes não são, nesses dados, qualquer um. Quem escuta, escuta de uma posição. A posição subjetiva ocupada por Lívia detona esta escuta. Daí ela ser absolutamente singular, equívoca e imprevisível, guardando quase um valor chistoso⁶. Daí se poder sentir os efeitos do real da língua (alíngua) que provoca o movimento do significante e sua ancoragem nas redes de sentidos que compõem um imaginário do dito. Lívia escuta “em Paris” em “ímpares” certamente porque o nome desta cidade lhe diz algo, faz parte de um dizer, de algo já atestado, indubitavelmente ligado ao estágio de pós-doutoramento do pai.

⁶ Não podemos desconsiderar que “ímpar” seja também uma forma de dizer daquilo que “sobra” na relação entre o pai, a Cristina (esposa) e a Lívia (filha do pai).

E é assim que o “erro”, marcado pela escuta de Cristina, leva Livia ao desdobramento de ressignificação de “impáres”, anunciando o que ali estava guardado, um resto homonímico, “Paris”, revelando que o “impáres” enunciado por Livia e o “ímpares”, pretendido por Cristina, não sejam da mesma natureza, nem têm o mesmo estatuto. Na verdade, eles marcam uma diferença na relação sujeito, língua e sentido. Em outras palavras, ainda que as proferições e as tentativas de “acerto” indiquem operações metalingüísticas, o processo de subjetivação (e de escuta) aí (re)velado é radicalmente singular.

Como defende Lacan, quer se queira ver ou não, a homonímia e tudo que lhe diga respeito traz em seu corpo uma relação metafórica implicando na substituição de um elemento por outro, cuja operação pode ser feita pela similaridade fonética, semântica ou sintática. No mesmo espaço, assim, vemos uma multiplicidade de cadeias latentes (“em pares”, “ímpares” e “em/para Paris”), condensando-se e concorrendo para habitar o mesmo espaço manifesto. O elemento que aí se cristaliza, “Para Paris”, assume um posto, que tem, em sua subjacência, um infinito de relações paradigmáticas conflitantes e que, provavelmente, podem estar metaforizando um resto, um sujeito de desejo, que em sua fala guarda também uma relação de exclusão materializada como consequência da ida do pai e de Cristina (um par) para Paris, deixando ela (o ímpar) de fora. Aqui o significante revela sua verdade.

É nesse sentido que podemos afirmar que a repetição pulsante, bem como o impulso homofônico que parece estar sempre aí, que acompanha sua enunciação faz parte de sua história, desta história e das relações de semelhança e diferença que estas formas guardam entre si. A singularidade aí detectada está presente em qualquer ato linguageiro, seja ele familiar, escolar, literário, poético... “no chiste, no lapso, na fala da criança, na poesia, e na experiência analítica” (LE MOS, 2000).

Através desse movimento, podemos imaginar, então, como a idéia de uma correia ou, mais precisamente, seu caráter dentado⁷ é profícuo para metaforizar o funcionamento lingüístico-discursivo, pois deixa a ver, simultaneamente, a linearidade da língua através do enlaçamento entre os termos dispostos na cadeia *em ato* (MILNER, 2002: p. 157) e a atualização do caráter imaginário do paradigma em uma única proferição.

Este exemplo também pode ser valioso pelo movimento subjetivo do sujeito. Inicialmente Livia, ao errar, indica uma 2ª posição definida pelo submetimento ao funcionamento da língua (LE MOS, 2000), cuja cadeia manifesta traz, no elemento tônico, as marcas do cruzamento entre “em pares” e “ímpares”, representado pelo termo “impáres”. Porém, é sua escuta, índice da 3ª posição, que ressignifica não só o erro, mas sua própria condição subjetiva, que, ao fazer o corte, revela sua dimensão singular.

Estas relações revelam um funcionamento que, sendo alheio à vontade ou à consciência individual, manifesta um “saber” que, se para Saussure é próprio da língua, para Lacan é do inconsciente, do “inconsciente estruturado como linguagem” (1985: p. 75).

É aqui que a contextualização do processo enunciativo e a história do sujeito ganham um valor inestimável que poderão nos conduzir a uma interpretação mais ampla e, por que não dizer, consistente, das relações metafóricas e metonímicas no estatuto desse erro e em todo seu movimento (des)concertante.

4. O ato fal(h)a

Uma jovem de 28 anos, Luciana, estava em viagem de férias, com outras 2 amigas, acompanhadas pelos anfitriões. Foi em um dos passeios que, conversando sobre quanto custava fazer as unhas na localidade e na sua cidade de origem, Luciana diz: “Ah, lá com apenas dez reais se faz pai e mãe...”. Todos riram do equívoco e logo alguém falou: “Se faz ‘pé e mão’, né?”⁸. Sem tirar maiores consequências de seu tropeço lingüístico, Luciana dirigiu sua fala para outros rumos, retornando sobre ela e fazendo alguns triviais comentários pouco tempo depois.

Chamamos a atenção para as estruturas mais explícitas que compõem seu ato falho:

Com apenas dez reais se faz pai e mãe
Com apenas dez reais se fazpé e mão

Se mobilizarmos os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de funcionamento da linguagem, veremos que a substituição de “pé e mão” por “pai e mãe” não é aleatória, nem casual, mas,

⁷ Lacan metaforiza esse funcionamento através da idéia de anéis ou correntes que se “enosam”.

⁸ Aprofundamos aqui a análise desse dado apresentado anteriormente na II Conferência sobre Metáfora na Linguagem e Pensamento - II CMLP, realizado na Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), entre 17 e 20 de agosto de 2005.

diríamos com firmeza, é convocada por relações de semelhança que estas formas significantes mantêm entre si.

Tanto a expressão “pai e mãe” quanto “pé e mão” espelham uma estrutura não só sintática, mas também fônica. De um lado, a semelhança estrutural marcada pela presença do conectivo “e” com função sintática aditiva: “pai e mãe”; “pé e mão”. Seqüências que apresentam, inclusive, quase o mesmo número de letras, deixando o rastro de um anagrama, apesar da pouca mobilidade entre as posições de seus elementos significantes. Além disso, estas duas expressões e seu valor aditivo guardam certa imobilidade expressa em enunciados do tipo: “fazemos pé e mão” ou “não se faz mais pai e mãe como antigamente”.

De outro, a semelhança fônica marcada pela paronomásia (e uma quase homofonia) e pelo aspecto monossilábico dos elementos que compõem estas expressões. Esta relação de semelhança parece estar empurrando a entrada de “pai e mãe”, deixando “pé e mão” em estado latente.

A metonímia, como processo que resiste à significação, mostra-se sempre como um aparente *sem sentido*. Como diz D’or (1989: 49), “uma operação de pensamento é sempre necessária para apreender o sentido da expressão metonímica”. É aqui que vemos entrar o trabalho da metáfora na reconstituição da significação, pois “ela [a metáfora] jorra entre dois significantes dos quais um substituiu o outro lhe tomando o lugar na cadeia significativa, o significante oculto permanecendo presente pela sua conexão [metonímica] com o resto da cadeia” (LACAN, 1996: 237). A substituição de uma cadeia por outra e a permanência (latente) da cadeia substituída sob a cadeia manifesta faz com que possamos produzir sentido sobre o *sem sentido* aparente.

Mas seria isto suficiente para explicar a emergência deste ato falho? Seria apenas, para usar um termo próprio ao ato falho em análise, um equívoco sem grande importância que poderia ter sido enunciado por qualquer um de nós? Veremos que não. Que seu ato falho, como todo e qualquer ato falho, é singular e, em alguma medida, revela o segredo de um desejo muitas vezes inconfesso.

Mais tarde, Luciana comenta que, quando disse “com apenas dez reais se faz pai e mãe”, estava pensando em um “papai e mamãe” no sentido sexual, pois, palavras dela, “o máximo que suporto ficar sem namorar são dois dias”. Que haveria uma conotação sexual sustentando seu ato falho talvez não fosse muito difícil de se chegar, mas ainda ressoaria estranha a “justificativa” de Luciana uma vez que no encadeamento de seu ato falho teríamos “com apenas dez reais se faz papai e mamãe”, convocando não a falta de relações sexuais, mas o baixo preço/valor que se paga pela relação sexual. A interrogação não propriamente sobre o sentido desta nova fala, mas sobre o porquê Luciana a produziu, permanece inquietando.

Este novo comentário de Luciana, se levarmos a sério o que Lacan nos ensina, quer dizer, a questão de que aquele que fala quando se trata do sujeito do inconsciente não é o “eu”, mas sim, aquele que é apreendido em uma rede simbólica e representado por um significante, não pode ser assumido como “causa”. Lembremos o que diz Lacan:

“Enunciação que se denuncia, enunciado que se renuncia, ignorância que se dissipa, ocasião que se perde, que resta aqui senão o rastro do que é preciso bem que seja para sucumbir do ser?” (LACAN, 1996).

A enunciação que se denuncia, tem ainda outros rastros, outros desdobramentos...

Com o passar dos dias, soube-se um pouco mais sobre sua história. Com 19 anos, ela e a mãe tiveram uma violenta briga pelo fato de Luciana, após ter ido ao cinema com o namorado, chegar “novamente”, segundo o que teria dito a mãe, tarde em casa. A briga culminou na sua expulsão de casa e Luciana saiu apenas com a roupa do corpo e sem dinheiro algum. A partir de então, Luciana e a mãe nunca mais se falaram, mesmo nos momentos financeiros mais difíceis recentemente enfrentados pela filha. O pai, com quem ela conversava regularmente, já estava separado da mãe havia algum tempo, mas não manifestou qualquer indignação com relação à atitude da mãe, tampouco fez qualquer interferência em favor da filha.

Depois de se saber desta breve história pessoal, surge uma nova tentativa de interpretação para o ato falho “com apenas dez reais se faz pai e mãe”, já que poderia estar relacionado ainda com o fato de os pais não “valerem nada” para Luciana pelo feito de que ela nunca pôde “contar”, não só enquanto ajuda financeira, mas também no sentido de nunca ter sido “considerada” por eles nestes sofridos anos.

Não acreditamos ser este um ponto negligenciável. Todavia, a surpresa de sua história não pára por aí. Uma amiga íntima de Luciana revela que ela tem como amante há vários anos seu ex-patrão, o qual é chamado por todos os funcionários da empresa de “pai”. Então, entre as amigas que sabem do caso, Luciana refere-se sempre ao amante como “pai”. Essa amiga diz também que o “‘pai’-ex-patrão-amante” a mantém financeiramente e que, neste momento da vida, Luciana acredita que o amante tem que lhe dar tanto quanto a sua esposa tem: bons móveis, roupas, carro, etc. Fato que realmente tem acontecido.

Aqui, a análise da produção do ato falho ganha uma nova coloração. A relação entre “pai”, “patrão”, “amante” é quase explícita e nos permite estender a dimensão subjetiva de sua enunciação, mesmo que não seja possível chegar a conclusões fechadas, nem igualar nossa análise àquilo que poderia acontecer em uma situação de análise.

Estaria Luciana acreditando que o ato sexual estava sendo comprado por um baixo preço ao enunciar “com apenas dez reais se faz pai e mãe”, visto ser esta uma quantia irrisória? O amante deveria “pagar” mais por ela? O ato, não o falho, mas o sexual, seria tão pouco importante a ponto de ser comparado com as unhas dos pés e das mãos?

Para nós, lingüistas, porém tocados pela dimensão do inconsciente, não é possível responder sobre o que poderia estar significando este ato falho. Talvez, somente Luciana, em processo analítico, possa fazê-lo. Mas, após estas revelações, podemos entender melhor o estranhamento provocado por aquilo que enunciou e, assim, dar alguma visibilidade para as forças significantes que pressionam e ameaçam o processo enunciativo.

Não obstante, o riso de todos que estavam presentes nos leva a pensar que nem todos riram pela mesma coisa, nem da mesma forma, isto é, *nem todos partilhavam do mesmo sentido*, seja em pensamento, seja na história marcada na vida de Luciana e indiciada neste ato falho.

5. Erro e ato falho: fronteiras vivas

A produção de sentidos que pudemos delinear entre os dois dados analisados pôde apontar para as semelhanças em seu funcionamento estrutural e suas diferenças marcadas na singularidade de cada ato enunciativo. Isto nos permite desenvolver a idéia de que a fronteira anunciada no título seja uma “fronteira viva” (HOUAISS, 2001), uma fronteira sobre tensão, móvel, sujeita a várias alterações, em função dos sujeitos enunciadore, das posições que ocupam e dos efeitos que sofrem de seu próprio dizer.

No primeiro dado analisado, há o reconhecimento do “erro” por um dos sujeitos envolvidos na situação comunicativa através de sua própria menção, e posterior alçamento ao estatuto de um chiste, um pouco diferente do que vemos acontecer no segundo dado, pois nesse caso, a menção, “você está querendo dizer pai e mãe, né?”, parece colocar que aí há mais que erro, que há ato falho. Podemos ser destacado também a disparidade que parece haver entre “pai” e “pé”, “mãe” e “mão”, disparidade que parece não haver entre “impar e ímpares”. Não estamos defendendo aqui que aquelas menções em outras situações seriam as responsáveis por definir os dois fenômenos, mas, nesses casos, parecem marcar diferenças sutis entre o dois movimentos que guardam em si uma íntima fronteiridade, essencialmente quando reconhecemos neles um semelhante funcionamento estrutural.

Referências bibliográficas

CALIL, Eduardo & LIMA, Maria Hozanete (2006). "O nome próprio em histórias inventadas: escuta sob os efeitos do funcionamento lingüístico-discursivo". In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. *Lingüística: caminhos e descaminhos em perspectiva* (cdrom). Uberlândia: EDUF.

_____. (2004). *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas*. Londrina: Eduel.

CHEMAMA, Roland (1995). *Dicionário de Psicanálise-Larousse* Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

D'OR, Joël (1989). *Introdução à leitura de Lacan*, Porto Alegre: ArtMed (pp.26-67).

FELIPETO, Sônia Cristina & CALIL, Eduardo (2006). “O que as relações entre erro, imprevisibilidade e equívoco dizem da competência discursiva do sujeito na Aquisição de Linguagem?” *Actas del I Congreso Internacional Análisis del Discurso: lengua, cultura, valores*. Volume 1. Madrid: Editorial Arco/Libros, (pp. 979 – 985).

FREUD, Sigmund (1987). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

HOUAISS, Antonio (2001). *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Objetiva Ltda.

JAKOBSON, Roman (1975). "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia". In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.

LACAN, Jacques (1998). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise" In: J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (pp. 238-324).

_____. (1985). *Seminário XX, Mais Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

_____. (1996). *Seminário 3: As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

_____. (1999). *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

LEMOS, C. T. G. (1995). "Língua e discurso na teorização sobre Aquisição de Linguagem". *Letras de Hoje*, 30 (4). Porto Alegre: Puc-RS (PP. 9 – 28).

_____. (1996). "Corpo e Linguagem" In: Uchoa Junqueira Filho, L. C. (org.) *Corpo–Mente: uma fronteira móvel*. São Paulo: Casa do Psicólogo, (235-248).

_____. (1998). "Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança". In: *Substratum: temas fundamentais em Psicologia e Educação, mecanismos de mudanças linguísticas e cognitivas*. vol.1, n.3. (151 – 172). Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (2000). "Questioning the notion of development: the case of language acquisition". *Culture & Psychology* 6(2): (169-182.). New York/USA.

LEMOS, Maria Teresa Guimarães de (2002). *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem*. Campinas (SP): Mercado de Letras; Fapesp.

MILNER, Jean-Claude (1983). *Les noms indistincts*. Paris: Ed. du Seuil.

_____. (1987). *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1989). *Introduction à une science du langage*. Paris: Ed. du Seuil.

_____. (2002). *Le Périphe structural: figures et paradigme*. Paris: Ed. de Seuil.

SAUSSURE, F. de (1989) *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix.